

Emprego de advérbios de lugar em português por falantes nativos de alemão: análise da interlíngua

Use of adverbs of place in Portuguese by native speakers of German: analysis of interlanguage

Marceli AQUINO 

Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil
marceli.c.aquino@usp.br

Arthur Wagner FIORINI 

Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil
arthurwfiorini@gmail.com

Resumo: Na língua portuguesa, o sentido dos advérbios de lugar “aqui”, “cá”, “aí”, “ali” e “lá” se constrói de acordo com a posição do objeto de referência em relação ao falante ou ao seu interlocutor: “aqui” e “cá” denotam proximidade do falante; “aí”, proximidade do interlocutor; e “ali” e “lá” indicam distância tanto do falante quanto do interlocutor (Blühdorn, 2003). Dada a semântica desses advérbios, entretanto, nem todos eles encontram equivalentes na língua alemã. Esta pesquisa objetivou, por meio de uma análise interlinguística apoiada em dados coletados em entrevistas remotas com falantes de alemão aprendizes de português, identificar se os participantes privilegiam, na comunicação oral, o uso de alguns advérbios em relação a outros e quais desvios são mais frequentes. Os resultados indicam que os respondentes utilizaram os advérbios “aqui” e “lá” com maior frequência, sendo que os principais desvios se referiram ao uso inadequado do advérbio “lá” no lugar de “aí”. Ademais, os dados mostram que a experiência com a língua portuguesa, como tempo de aprendizagem, não parece impactar na frequência de uso e desvios dos advérbios de lugar. Os dados desta pesquisa são relevantes tanto para a área de português como língua adicional como para a linguística aplicada contrastiva visto que lançam luz a especificidades da interlíngua entre o par linguístico alemão-

português, buscando explicações para os desvios cometidos com base nas análises semântica e interlinguística do uso desses advérbios em língua portuguesa (Blühndorn, 2005).

Palavras-chave: português como LA; advérbios; interlíngua.

Abstract: In Portuguese, the meaning of the adverbs of place “aqui”, “cá”, “aí”, “ali” and “lá” is defined by the position of the object of reference in relation to the speaker or his interlocutor: “aqui” and “cá” denote proximity to the speaker; “aí” indicates proximity to the interlocutor; and “ali” and “lá” imply distance from both the speaker and the interlocutor (Blühndorn, 2003). Due to the semantics of these adverbs, however, not all of them have equivalents in German. This research sought, through an interlinguistic analysis based on data collected in remote interviews with German speakers learning Portuguese, to identify whether the participants favor the use of some adverbs over others in oral communication and which grammatical deviations are more frequent. The results indicate that the respondents used the adverbs “aqui” and “lá” more frequently, with the main deviations referring to the inappropriate use of the adverb “lá” in place of “aí”. The data shows that experience with the Portuguese language, such as learning time, does not seem to have an impact on the frequency of use and deviations of adverbs of place. In conclusion, the data from this research is relevant both to the field of Portuguese as an additional language and to contrastive applied linguistics, since it sheds light on the specificities of the interlanguage between the German-Portuguese linguistic pair and allows explanations for the deviations committed to be sought based on semantic and interlinguistic analyses of the use of these adverbs in Portuguese (Blühndorn, 2005).

Keywords: Portuguese as LA; adverbs; interlanguage.

1 INTRODUÇÃO

Com mais de 265 milhões de falantes, a língua portuguesa é um dos idiomas mais difundidos no mundo, sendo hoje uma importante ferramenta para a comunicação internacional, com expectativas de contínua expansão geográfica (UNESCO, 2023)¹. O ensino de português como língua adicional (PLA) tem sido implementado e intensificado nos países falantes desse idioma, assim como no exterior. Embora haja numerosos centros de ensino e pesquisa que contemplem o PLA, e a crescente procura por projetos de leitorado seja crescente (como programas da CAPES), ainda poucas universidades oferecem um curso de bacharelado e licenciatura específico para essa área. O curso de Letras da Universidade de São Paulo (USP)

¹ <https://pt.unesco.org/commemorations/portuguese-language-day>

apresenta o maior número de habilitações de línguas adicionais disponíveis do Brasil (com oferecimento de 15 idiomas para bacharelado e/ou licenciatura), mas não dispõe de uma habilitação em PLA, não oferecendo também disciplinas obrigatórias que explorem essa área de ensino e pesquisa. De acordo com Filho (2008), mesmo em face do aumento da rede de ensino de PLA no Brasil e no exterior, não existe uma ação correspondente para a manutenção ou a ampliação da formação profissional, "por meio de mecanismos de coordenação de atividades de formação de quadros docentes e de pesquisa adequados à sustentação da profissão no nível que desejamos hoje" (Filho, 2008, n.p).

Destacamos, portanto, a necessidade de ampliar o campo de discussão e investigações na área de PLA, especialmente na compreensão das necessidades do público-alvo, que envolve aspectos linguísticos, culturais e políticos (Aquino, 2018; 2023). No contexto de ensino de PLA para falantes de alemão, nota-se também um número limitado de pesquisas empíricas, das quais a maioria se centra em questões de fonética e pronúncia. Além de buscar contribuir para estreitar tal lacuna, esta pesquisa se justifica pela contribuição dos autores para a área de ensino de Alemão e Português como línguas adicionais no Brasil, assim como para as experiências com aprendizes de português em colônias alemãs no sul do país. O escopo deste artigo manifestou-se, deste modo, de observações de desvios frequentes cometidos por alemães ao se comunicarem oralmente em língua portuguesa no Brasil. Tendo em vista as interferências da língua alemã na língua portuguesa, tal observação de campo evidenciou a relevância de uma investigação acerca da relação entre o uso dos advérbios de lugar "aqui", "cá", "aí", "ali" e "lá" em português e "*hier*", "*da*" e "*dort*" em alemão. Por meio de análises contrastivas do par linguístico português/alemão, temos o intuito de averiguar os determinantes e as ocorrências de desvios nos discursos orais de aprendizes do idioma português advindos da Alemanha.

Esta pesquisa se configurou, portanto, como uma tentativa de contribuição para a área de PLA com o objetivo de investigar a quantidade e a qualidade do uso dos advérbios de lugar em língua portuguesa em produções orais de estudantes falantes de alemão situados na Alemanha. Por meio de entrevistas *online* com seis estudantes de português alemães,

buscamos: (i) compreender a frequência e o contexto de uso dos advérbios de lugar em português; e (ii) por meio de uma análise linguístico-contrastiva (Blühdorn, 2001; 2003), justificar a ocorrência e a ausência de usos dos advérbios, levando em consideração o contexto comunicativo.

Na próxima seção, será apresentado o referencial teórico desta pesquisa e, em seguida, o desenho metodológico. A seção 4 discorre sobre os resultados obtidos a partir da análise dos dados coletados. Por fim, conclui-se este artigo, apresentando as principais contribuições desta pesquisa, assim como perspectivas futuras.

2 CODIFICAÇÃO DE INFORMAÇÃO ESPACIAL: O CASO DOS ADVÉRBIOS EM PORTUGUÊS E ALEMÃO

Segundo Blühdorn (2001), no português e no alemão, os advérbios têm a função de codificar semanticamente informações relacionadas ao espaço, especificamente em três referências: entidade situada (E), entidade de referência (R) e observador (S). Esses objetos de referência estabelecem relações complexas entre si, que podem ser estáticas ou dinâmicas. Ademais, as relações estáticas, em que nos concentramos neste trabalho, podem se configurar como intrínsecas, intrínseco-contextuais ou extrínsecas.

Na primeira, a interpretação do advérbio se apoia na relação entre R e E, ou seja, independentemente de S. Sentenças como “Os livros estão em cima da mesa” ou “*Die Bücher liegen auf dem Tisch*” codificam a relação espacial estática entre as entidades situadas (“os livros”) e a de referência (“a mesa”) de forma intrínseca. Independentemente do contexto ou observador, “em cima” e “*auf*” estabelecem sempre a mesma relação entre E e R, respectivamente.

As relações estáticas intrínseco-contextuais são aquelas em que o advérbio local pressupõe uma relação intrínseca entre E e R, mas R depende do contexto e deve ser, portanto, sempre interpolada pelo falante. Sentenças como “Maria, tenho certeza de que meus livros estão aí” codificam a relação espacial estática entre a entidade situada (“meus livros”) e a de referência (“Maria”), mas a compreensão de “aí” exige a interpolação de R (“Maria”)

entre E (“meus livros”) e S. Do mesmo modo, em alemão, “*ich habe die Schweiz besucht und leider habe ich meine Brille dort vergessen*”² codifica a relação espacial estática entre E (“*die Brille*”) e R (“*die Schweiz*”) e “*dort*” exige a interpolação de R entre E e S. Tanto nas relações intrínsecas como intrínseco-contextuais, a direção e a dimensão são desconhecidas ou irrelevantes por se tratarem de especificações da posição dos objetos ligadas, por exemplo, aos planos superior e inferior, direito e esquerdo da entidade de referência.

Por fim, nas relações extrínsecas o advérbio pressupõe uma relação necessariamente contextual entre E e R, a qual será determinada pelo ponto de vista de S. Sentenças como “O carro está atrás da árvore” e “*Das Auto steht hinter dem Baum*” codificam a relação espacial estática entre “o carro” (E) e “a árvore” (R), sendo que o advérbio “atrás” estabelece que, do ponto de vista de S, E está, em relação a R, na direção posterior de sua dimensão horizontal.

Por conta da natureza dêitica dos advérbios de lugar “aqui”, “cá”, “aí”, “ali” e “lá”, do português, e “*hier*”, “*da*” e “*dort*”, do alemão, para a compreensão do seu sentido, há a necessidade de informações contextuais. Blühdorn (2001) teoriza um cruzamento entre seis tipos de dêixis, três em relação à escolha de R e três outros tipos relativos à posição de S. Todavia, apenas duas delas interessaram a esta pesquisa, a saber, a dêixis físico-situacional, que parte da perspectiva física do falante e remete a uma entidade de referência na situação comunicativa, e a dêixis físico-referencial, que, assim como a anterior, parte da perspectiva física do falante, não obstante remete a uma entidade de referência pré ou pós-mencionada (Blühdorn, 2001). Essa escolha se justifica pelo fato de que as outras possibilidades de dêixis consistem no uso de advérbios de lugar cuja entidade de referência selecionada não é um objeto físico que ocupa um espaço no mundo, senão um fato pertencente ao conhecimento geral ou um objeto do discurso já mencionado, por exemplo. A inclusão da análise desses outros tipos possíveis de dêixis ampliaria demais o escopo desta pesquisa, a ponto de torná-la extensa demais e, portanto, provavelmente pouco específica, visto que o uso de advérbios de lugar pode cumprir inúmeros objetivos muito distintos entre si.

² Visitei a Suíça e infelizmente esqueci meus óculos lá.

Em relação ao observador, em relações estáticas intrínseco-contextuais e a partir da dêixis físico-situacional ou físico-referencial, os advérbios de lugar enfocados interpolam a entidade de referência entre o observador e a entidade situada de acordo com os esquemas dos Quadros 1 e 2, em que “,” denota identidade; “-”, proximidade; “ \Leftrightarrow ”, afastamento; “ \sim ”, negação; “S”, observador; “R”, entidade de referência; “E”, entidade situada; e “A”, interlocutor.

Quadro 1 – Entidade de referência em relação ao observador e à entidade situada no português brasileiro

Advérbio em português	Representação semântica
aqui	S,R-E
aí	S \Leftrightarrow A,R-E
ali/lá	S,R \Leftrightarrow E-(\sim A)

Fonte: adaptado de Blühdorn (2003)

Quadro 2 – Entidade de referência em relação ao observador e à entidade situada no alemão

Advérbio em alemão	Representação semântica
<i>hier</i>	S,R-E
<i>da</i>	(\sim S),R-E
<i>dort</i>	S,R \Leftrightarrow E

Fonte: adaptado de Blühdorn (2003)

Os dados dos quadros 1 e 2 permitem identificar que os advérbios dêiticos de lugar ignoram os traços semânticos direção e dimensão em relação a R e podem codificar tanto campo interno quanto externo de R. Além disso, vale pontuar que, tanto em português quanto em alemão, proximidade e afastamento, que expressam graus de distância, são relativos: em uma sentença, a escolha de um ou outro advérbio se apoia em uma comparação entre as distâncias envolvidas, isto é, a distância entre S e E, entre A e E e entre S e A.

Com relação aos advérbios apresentados no quadro 1, evidencia-se que: “aqui” toma o observador como entidade de referência próxima da entidade situada; “aí” toma o observador como distante da entidade de referência da qual a entidade situada está próxima, e essa entidade de referência deve equivaler ao interlocutor; “ali”/“lá” tomam o observador como entidade de referência distante da entidade situada, a qual também

não pode estar próxima do interlocutor³. Já no alemão, no quadro 2, tem-se a seguinte estrutura: “*hier*” toma o observador como entidade de referência próxima da entidade situada; no uso de “*da*”, o observador é diferente da entidade de referência, a qual está próxima da entidade situada; em “*dort*”, o observador é uma entidade de referência distante da entidade situada.

Em um exercício contrastivo baseado nas reflexões anteriores, pode-se depreender que “aqui” e “*hier*” poderiam ser equivalentes, sendo que, “aí”, por exemplo, por selecionar uma entidade de referência distante do observador e próxima da entidade situada, exige também que R seja equivalente ao interlocutor, por isso não encontra correspondente em alemão. “Ali” e “lá”, por tomarem o observador como entidade de referência distante da entidade situada, equivalem ao alemão “*dort*”, porém a nuance de significado existente nos advérbios em português, que consiste em menor e maior distância, respectivamente, entre a entidade de referência e a entidade situada, não encontra equivalência em nenhum par de advérbios alemães. Além disso, por não só tomarem o observador como entidade de referência distante da entidade situada, mas também exigirem que a entidade situada não esteja próxima ao interlocutor, nem “ali” nem “lá” correspondem perfeitamente a “*dort*”.

Quanto aos advérbios alemães, “*da*”, por exigir unicamente que a entidade situada esteja próxima de uma entidade de referência diferente do observador, possibilita a indicação da entidade de referência como um lugar inferível pelo contexto que não seja sequer o observador, o interlocutor ou algum outro elemento, atribuindo à entidade de referência, em português, um significado como “em um lugar que você pode encontrar e apontar”⁴ ou “em um lugar para onde posso apontar”⁵ (Blühdorn, 2003, p. 65). Dadas tais diferenças entre os dois idiomas, Blühdorn (2003, p. 68-69) dedica algumas hipóteses acerca do excesso do uso de “lá”, em português, por falantes de alemão:

³ O advérbio “*cá*” ficou fora da sistematização dos quadros porque não codifica relação estática, senão dinâmica. Sua semântica toma o observador como entidade de referência próxima da entidade situada e exige que a entidade de referência seja não um ponto de referência estático, senão um ponto de destino.

⁴ “an einem Ort, den du auffinden und auf den du zeigen kannst”

⁵ “an einem Ort, auf den ich zeigen kann”

- 1) [...] Como o alemão não possui um advérbio de espaço específico com referência ao destinatário, os aprendizes de português alemães tendem a usar “lá” [...] em vez de “ai”. [...];
- 2) a diferença entre “ali” e “lá” também não tem correspondência em alemão. [...] Muitos alunos alemães de português não adquirem “ali” e, em vez dele, usam “lá” em todos os contextos.⁶

Complementando a discussão sobre a codificação semântica dos advérbios em alemão e português, observa-se que “*dort*” codifica, em alemão, distância entre E e S independentemente de A, seu correspondente quase total “lá” deve correr o risco de, no português de aprendizes alemães, passar a ignorar A também, o que configura um desvio. Esse dado não compõe a teorização de Blühdorn, mas configura um pressuposto formulado nesta pesquisa, uma vez que é verificado na observação de campo e na análise de entrevistas nas próximas seções deste artigo. São exemplos desses possíveis desvios sentenças como: “*vou dormir lá na sua casa”, em um contexto em que o interlocutor está em sua própria casa, e, portanto, espera-se o uso de “ai” em vez de “lá”.

Ainda, nesse sentido, um dos objetivos desta pesquisa foi identificar como e quando os desvios de uso dos advérbios locais ocorrem em comunicações orais. Para tanto, partiu-se do pressuposto de que tais desvios ocorrem pela conjuntura da interlíngua no processo de aprendizagem de PLA por falantes de alemão. Selinker (1972) defende que, no processo de aprendizagem de línguas, podem ser encontradas três formas de sistemas linguísticos, isto é, as línguas-alvo e fonte e a interlíngua (IL). A IL não representa uma fusão da língua-fonte e da língua-alvo, mas um sistema de transição, no qual há traços da língua inicial no uso do idioma em aprendizagem. Logo, a IL não é estática, podendo passar por diversos estágios, em um processo contínuo de desenvolvimento. A decorrência da IL pode estar relacionada a diversos fatores, muitos deles relacionados à língua-fonte, como a semelhança ou a diferença entre os idiomas aprendidos, as deficiências de vocabulário, entre outros.

Para enriquecer essa discussão, convém destacar que o conceito de interlíngua, além da definição pioneira de Selinker (1972), foi enriquecido por

⁶ “Da ein spezifisches Raumadverb mit Adressatenbezug im Deutschen fehlt, tendieren deutsche Portugiesischlerner dazu, statt *ai lá* [...] zu verwenden. [...] Auch der Unterschied zwischen *ali* und *lá* hat kein Gegenstück im Deutschen. [...] Viele deutsche Portugiesischlerner erwerben *ali* nicht und verwenden stattdessen in allen Kontexten *lá*.”

outros autores. S. Pit Corder (1967), por exemplo, destacou os erros como indícios do processo de aquisição, revelando etapas no desenvolvimento da competência linguística. Já Michael Long (1983) enfatizou o papel da interação como elemento central na construção do conhecimento linguístico em L2, apontando que o *input* negociado é essencial para o avanço do aprendiz.

No tocante à comunicação, cabe incorporar a noção de competência comunicativa proposta por Hymes (1972), que articula componentes gramaticais, sociolinguísticos, discursivos e estratégicos na produção de enunciados eficazes em contextos reais. Esta perspectiva é particularmente útil na análise da produção oral de falantes em processo de aquisição, pois revela não apenas desvios estruturais, mas também limitações pragmáticas. A esse respeito, o campo da pragmática, segundo Levinson (1983), oferece ferramentas para entender como os aprendizes interpretam e produzem enunciados a partir de inferências contextuais, conhecimento compartilhado e intenção comunicativa. A articulação dessas teorias amplia o escopo analítico e permite situar os desvios linguísticos não apenas no nível formal, mas também nas práticas sociais de uso da língua. Tais perspectivas, articuladas, ampliam a compreensão da interlíngua para além da dimensão estrutural, incorporando aspectos contextuais, comunicativos e interacionais do uso da linguagem.

Tendo em vista as relações linguístico-contrastivas estabelecidas entre os advérbios em português e em alemão e o pressuposto da interlíngua como processo de aprendizagem, levantou-se a hipótese de que, em comunicações orais de aprendizes de PLA falantes de alemão, seria possível encontrar uma ocorrência relevante de desvios do uso de advérbios, especialmente aqueles sem equivalência dêitica entre os pares linguísticos. Para tanto, realizou-se uma coleta de dados por meio de entrevistas virtuais com seis falantes de alemão. Na próxima seção, é apresentada a metodologia de coleta e análise dos dados.

3 METODOLOGIA

Como mencionado anteriormente, esta pesquisa teve um caráter experimental introdutório, no sentido de que procurou levantar

questionamentos e reflexões sobre os desvios causados pela IL de um grupo-alvo específico de aprendizes de português para, então, ser possível dialogar com as hipóteses de Blühdorn (2001; 2002; 2003). Dada a demanda de uma amostra relevante do uso de advérbios em português por falantes de alemão, foi elaborado um roteiro com perguntas provocadoras para entrevistas⁷ virtuais por meio da plataforma Google Meets, o qual serviu como guia para a coleta do material de análise. Optou-se por perguntas diretas feitas em alemão para evitar ruídos de compreensão, mas que, como combinado anteriormente com os entrevistados, deveriam ser respondidas em português. Foram realizados seis encontros para as entrevistas, uma por informante, e a participação foi voluntária.

As perguntas dos encontros das entrevistas não apresentavam especificações sobre o uso de advérbios, mas continham referências de localidade que pudessem estimular o seu uso como, por exemplo: *“Wo bist du jetzt?”* (“Onde você está agora?”); *“Was stellst du dir vor, sind die größten Unterschiede zwischen X und Brasilien?”* (“Quais você imagina serem as maiores diferenças entre X e o Brasil?”). Para evitar a rigidez da conversa e se adaptar à metodologia da entrevista, a ordem e a frequência das perguntas dependiam do rumo da interação.

As perguntas subdividiram-se em dois grandes momentos, que constituíram as duas partes da entrevista. Na primeira parte, elas abordavam a localização geográfica do informante e suas experiências em outras cidades ou países, possibilitando, portanto, o uso de advérbios como “aqui” ou “lá” para fazer referência ao local onde o entrevistado estava ou de “lá” para referência a cidades onde ele já esteve, por exemplo. Além disso, para tornar possível que os informantes se referissem à cidade ou ao país onde o entrevistador estava com o uso de “aí”, o entrevistador se apresentou indicando a sua localização geográfica: *“Ich wohne zurzeit in São Paulo – wo ich jetzt bin – und das ist das letzte Semester meines Studiums hier”*

⁷Embora a entrevista pré-estruturada permita certo controle das variáveis investigadas e facilite a análise comparativa dos dados, reconhece-se que essa abordagem pode não capturar integralmente a complexidade da comunicação espontânea. Expressões não planejadas, trocas conversacionais naturais, hesitações e negociações de sentido — aspectos relevantes para a compreensão da competência pragmática e sociolinguística — tendem a emergir com maior frequência em contextos de fala livres. Dessa forma, estudos futuros poderão recorrer a metodologias complementares, como a etnografia linguística, registros de interações espontâneas ou tarefas comunicativas em dupla, a fim de explorar aspectos dinâmicos da linguagem em uso.

(“atualmente, moro em São Paulo – onde estou agora – e este é o último semestre dos meus estudos aqui”). Na segunda parte da entrevista, o foco estava no local específico onde o entrevistado se encontrava, como uma sala ou um quarto, que era exibido pela câmera. Nesta fase, almejamos a ocorrência dos advérbios “aqui”, “ali” ou “lá”, para que houvesse referências, por exemplo, ao posicionamento dos objetos sobre os quais falávamos no cômodo.

Ao todo, foram entrevistados seis informantes, por meio de videochamadas. O perfil dos participantes e a autorização de uso dos dados foi coletado no início da entrevista por meio de um questionário formulado no Google Forms. Por exigência dos critérios de seleção desta pesquisa, todos os respondentes têm o alemão como língua-fonte (e nacionalidade alemã, mesmo que isso não fosse exigência da pesquisa). Além disso, os entrevistados aprendem a variedade brasileira da língua portuguesa e já estiveram no Brasil por variados motivos, como visita familiar, passeio ou estudos. No quadro 3, resumem-se os dados sobre o processo de aprendizado de português de cada entrevistado à época da entrevista (abril e maio de 2023), aos quais foram atribuídos nomes fictícios.

Quadro 3 — Panorama do aprendizado de português dos informantes

Informante	Tempo de aprendizado de português	Contexto de maior aprendizado de português
Hilda	8 meses	Intercâmbio de 6 meses no Brasil
Ethan	1 ano	Estágio de 8 meses no Brasil
Peter	1 ano e 1 mês	Curso de língua portuguesa na Alemanha
Sabine	5 anos	Curso de português na Alemanha, estadia de 6 meses no Brasil e ambiente familiar ⁸
Julia	6 anos	Estágio de 6 meses no Brasil
Egon	Criação familiar bilíngue ⁹	Curso de português na Alemanha e ambiente familiar

Fonte: elaborado pelos autores

⁸ Embora seja filha de uma brasileira, Sabine afirmou não ter adquirido o português como língua materna.

⁹ Mesmo que o português não seja uma língua adicional de Egon, pois ele a considera uma de suas línguas maternas, aceitamos sua participação porque não era nosso intuito excluir outras formas de aquisição do português, e supúnhamos, inclusive, que os desvios relacionados aos advérbios pudessem ocorrer também em seu caso como sinais de uma IL entre ambas as línguas.

Com relação à análise da ocorrência de advérbios em português durante a entrevista, registramos as seguintes informações: (i) o número de vezes em que os advérbios “aqui”, “cá”, “aí”, “ali” e “lá” foram usados; (ii) os desvios dos usos desses advérbios; (iii) a oração/contexto em que tais advérbios ocorriam. Os dados provenientes dos itens (i) e (ii) foram tabelados para análises de fim quantitativo e qualitativo, à luz da bibliografia fundamental, sobretudo à luz de Blühdorn (2003), as quais se darão na próxima seção, com apoio da análise qualitativa dos enunciados correspondentes ao item (iii).

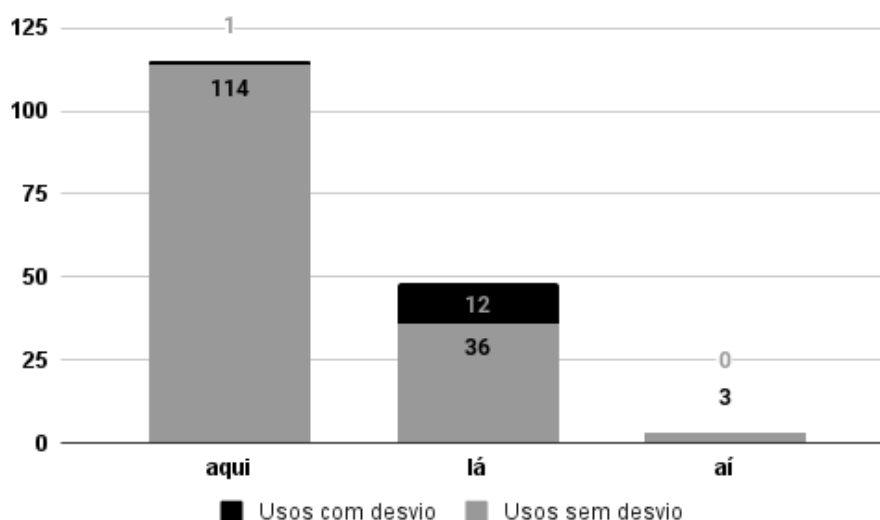
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, serão apresentados os resultados das entrevistas virtuais levando em consideração os objetivos anteriormente estabelecidos para este trabalho, isto é: (i) verificar quantitativa e qualitativamente a frequência de ocorrência e contexto comunicativo de uso dos advérbios de lugar em português; e (ii) por meio de uma análise linguístico-contrastiva (Blühdorn, 2001; 2003) justificar a ocorrência e a ausência de usos dos advérbios, levando em consideração o contexto comunicativo.

4.1 Uso absoluto dos advérbios com e sem desvios

O gráfico 1 ilustra a quantidade de vezes em que cada advérbio de lugar do português foi utilizado com e sem desvio ao se considerarem ambas as partes de todas as entrevistas, isto é, a localização geográfica do entrevistado (parte I) e o seu espacial imediato mais próximo (parte II):

Gráfico 1 — Uso absoluto dos advérbios com e sem desvios



Fonte: elaborado pelos autores

Pode-se observar, no gráfico 1, um maior número absoluto de usos do advérbio “aqui”, estando “lá” com um número bastante inferior, em segunda posição. Ao se relacionarem os dados qualitativos da contagem de uso às anotações de campo das entrevistas, verifica-se que os informantes frequentemente recorreram à estratégia de substituir o nome do local onde estavam pelo advérbio “aqui” e, para indicar a localização do interlocutor (o entrevistador), o advérbio “lá”. Além disso, uma vez que nenhuma das entrevistas privilegiou ou estendeu os momentos cujo foco era o local onde os informantes estavam, propende-se a considerar, visto o discrepante privilégio do uso de “aqui”, que esse advérbio é mais facilmente englobado ao léxico da IL dos falantes alemães de português, talvez porque sua semântica seja idêntica ao seu par alemão “*hier*”.

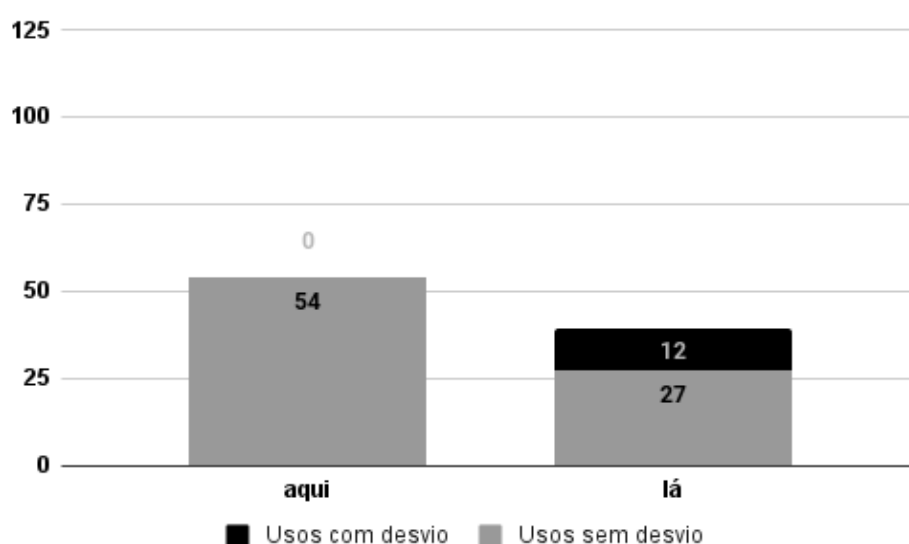
A baixa recorrência de “aí” e a ausência de “cá” e “ali” sugerem que esses advérbios tendem a ser dificilmente assimilados pela IL dos falantes de alemão aprendizes de português, devido às distinções semânticas entre os dois idiomas, a saber: os traços de “aí” ($S, R \Leftrightarrow E-(\sim A)$) não existem em alemão; os de “cá” também não existem como um advérbio; e os de “ali” ($S \Leftrightarrow A, R-E$), que se distinguem sutilmente de “lá”, não encontram distinção equivalente em alemão. Logo, ressalta-se que os dados coletados parecem respaldar a base teórica deste trabalho: que a ausência de equivalentes integrais possa causar ruídos na IL dos falantes. Não obstante, tendo em

vista a fluência e a experiência dos entrevistados na língua portuguesa, evidenciamos a relevância dos dados amostrais com relação à alta frequência de ocorrência de “aqui”, a evidente subutilização de “aí”, e a ausência de “cá” e “ali”. Ademais, encontramos apenas um desvio no uso de “aqui”, enquanto “lá” apresentou um grande número de desvios de uso, o que será analisado mais adiante.

4.2 Uso dos advérbios com e sem desvios na parte I da entrevista: localização geográfica

O gráfico 2 ilustra a frequência de ocorrência do uso de advérbios (com e sem desvio) da primeira parte da entrevista, a saber, que abordava a localização geográfica do informante e as experiências que ele tivesse tido ou que gostaria de ter em outras cidades ou países. Vale constar que “ali” não era esperado nessa parte, pois, dados os traços semânticos similares de “ali” e “lá”, este tende a ser privilegiado em relação àquele, especialmente em situações que envolvem grandes distâncias. Além disso, os advérbios “aí” e “cá”, que eram esperados, também não foram encontrados na amostra.

Gráfico 2 — Uso dos advérbios com e sem desvios na parte I da entrevista



Fonte: elaborado pelos autores

Como representado no gráfico 2, o advérbio “aqui” tem mais ocorrência e, na parte I da entrevista, não apresenta desvios de uso, isto é, os falantes lançaram mão desse advérbio para codificar a relação espacial estática S,R-E. As sentenças abaixo ilustram o emprego de aqui:

- (01) “[...] como é uma cidade pequena, são poucas pessoas morando aqui.” (Hilda)
- (02) “[...] agora eu tô passando o final de semana aqui em casa com meus pais.” (Sabine)

Como é possível observar, tanto na sentença 1 quanto na sentença 2, as informantes selecionaram a si próprias como R e indicaram sua proximidade em relação às entidades situadas “poucas pessoas”, em 1, e “casa”, em 2.

A partir dos dados dos gráficos 1 e 2, verifica-se a ausência de “aí” na amostra, mesmo sabendo que as perguntas do roteiro possibilitaram o emprego desse advérbio, pois previu e suscitou momentos de referência ao local do entrevistador (São Paulo, Brasil) e dos interlocutores. Uma vez que a amostra indicou a ausência da utilização do advérbio “aí”, fortalece-se a hipótese de que, dada a inexistência de uma equivalência em alemão com os mesmos traços semânticos, a saber, $S \Leftrightarrow A, R-E$, os participantes tendem a utilizar a estratégia de não empregar “aí” ou substituí-lo por outro advérbio, como foi o caso de “lá”, o que é ilustrado nas sentenças a seguir:

- (03) * “[...] mas agora eu não tenho trabalho, eu não conheço muitas pessoas lá.” (Peter, ao falar sobre São Paulo, onde ele sabia que o entrevistador estava.)
- (04) * “Sim, muitas vezes, como eu tenho família no Brasil, eu passei quase todas as minhas férias lá.” (Sabine, ao falar sobre o Brasil, onde ela sabia que o entrevistador estava.)
- (05) * “[...] claro, São Paulo é muito/ muita gente vai lá também.” (Egon, ao falar sobre São Paulo, onde ele sabia que o entrevistador estava.)
- (06) * “[...] também acho que a família lá é muito importante.” (Peter, ao falar sobre o Brasil, onde ele sabia que o entrevistador estava.)

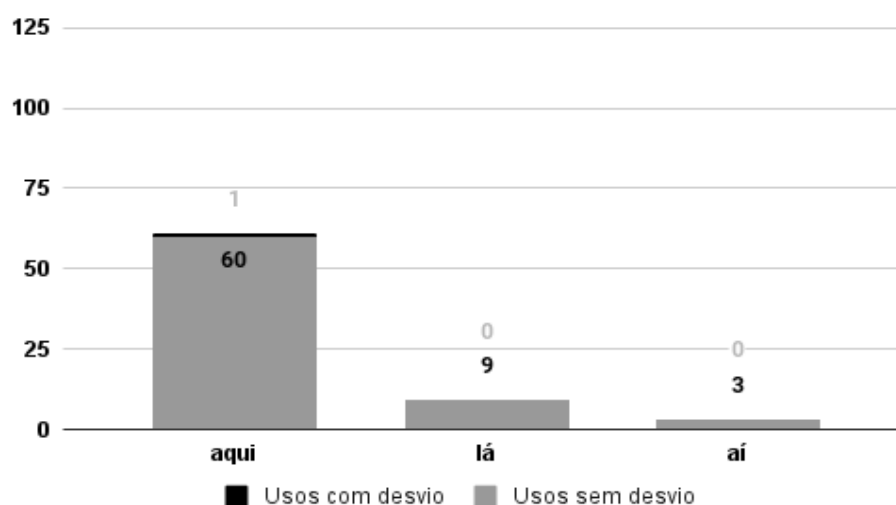
- (07) *"[...] eu passei um tempinho no Brasil, aonde eu aprendi português, fui em 2018, passei meio ano lá." (Sabine, ao falar sobre o Brasil, onde ela sabia que o entrevistador estava.)
- (08) *"[...] mas gostei muito Brasil, Brasil estava tempo muito legal lá." (Peter, ao falar sobre o Brasil, onde ele sabia que o entrevistador estava.)

Os recortes apresentados acima indicam que os informantes adotaram a si próprios como R e designaram sua distância em relação às entidades situadas, como por exemplo "São Paulo", nas sentenças 3 e 5, e "Brasil", nas sentenças 4, 6, 7 e 8. Tendo em vista que tanto "São Paulo" quanto "Brasil" eram locais onde o entrevistador, seu interlocutor, estava, o sentido do advérbio "lá" impediria o seu uso nesses contextos, já que a sua semântica estabelece o esquema $S, R \Leftrightarrow E-(\sim A)$. Sentenças como a 3 sugerem que o traço $E-(\sim A)$ não compõe, na IL dos aprendizes alemães de português, a semântica do advérbio "lá", o que corrobora outras duas explicações hipotéticas para os desvios das sentenças de 3 a 8: já que "*dort*" codifica, em alemão, distância entre E e S independentemente de A, seu correspondente quase total "lá" deve correr o risco de que aprendizes alemães passem a ignorar A no contexto de uso em português. Evidenciamos, assim, que a amostra parece concordar com o embasamento teórico desta pesquisa, já que os desvios apresentados poderiam ser previstos pela ausência de equivalência entre os dois idiomas.

4.3 Uso dos advérbios com e sem desvios na parte II da entrevista: localização de objetos do próprio cômodo

O gráfico 3 ilustra a frequência de ocorrência do uso de advérbios, com e sem desvio, da segunda parte da entrevista, isto é, aquela que direcionava as interações para referências à localização específica onde o entrevistado estava, como uma sala ou um quarto, por exemplo. O uso do advérbio "aí" não era inicialmente previsto no roteiro das entrevistas, dada sua semântica que sugere proximidade entre A e E.

Gráfico 3 — Uso dos advérbios com e sem desvios na parte II da entrevista



Fonte: elaborado pelos autores

O gráfico 3 sugere a preferência absoluta dos aprendizes pelo advérbio “aqui”, que foi frequentemente acompanhado de gestos de apontamento demonstrativo dos locais e objetos a que se referiam. Logo, os informantes parecem recorrer a estratégias linguísticas e gestuais para suprir as incertezas de referenciação de diferentes distâncias dentro de um mesmo cômodo, isto é, tanto a objetos próximos (como a 30 centímetros de distância) ou mais distantes (como a 3 metros). Assim, o uso de “aqui” nesses dois cenários indica que os entrevistados, tomando-se como entidades de referência, consideraram que distâncias bastante discrepantes entre eles e os objetos situados poderiam todas ser consideradas próximas. Por sua vez, o advérbio “aí” foi utilizado três vezes por uma mesma informante, e isso será discutido mais adiante.

Além da dimensão morfofossintática analisada até aqui, cabe destacar aspectos sociolinguísticos e pragmáticos que emergem da interação entre entrevistador e entrevistado (Hymes, 1972; Levinson, 1983). A escolha do advérbio não parece ser determinada apenas por critérios estruturais, mas também pelo contexto comunicativo imediato: o tipo de pergunta feita, a familiaridade do falante com o ambiente, a presença da câmera e o uso de gestos indicativos, revelando o papel da competência comunicativa e da variação pragmática como elementos centrais na construção do sentido em L2 (Hymes, 1972; Levinson, 1983).

As entrevistas revelaram variações individuais relevantes — como o caso de Julia, que utilizou “aí” para se referir a locais relativamente próximos em seu cômodo. Esses usos indicam não apenas um possível desvio gramatical, mas também uma tentativa de adaptar os recursos da língua-alvo ao contexto imediato. Tais adaptações revelam formas estratégicas de compensar lacunas no repertório linguístico por meio de inferência pragmática, uso do espaço compartilhado na videoconferência e negociação de sentido com o interlocutor.

Em termos sociolinguísticos, observou-se que os participantes recorreram majoritariamente a formas mais neutras e simples — como “aqui” — independentemente da distância exata, possivelmente como estratégia de segurança comunicativa. Tal comportamento pode estar relacionado a fatores como ansiedade comunicativa, exposição limitada à variedade brasileira do português, ou familiaridade maior com o interlocutor e com o espaço da interação.

O advérbio “lá” foi utilizado sem desvio em todas as ocorrências, por exemplo:

(09) “[...] lá é a entrada.” (Egon)

Em casos como esse, o informante seleciona a si mesmo como entidade de referência e se considera distante da entidade situada, “a entrada”, na sentença 9. Já o emprego do advérbio “ali”, como esperado, não ocorreu. O uso desse advérbio revelaria certa sofisticação por diferenciar-se sutilmente de “lá”, pois ele denotaria uma distância um pouco menor em relação a esse advérbio, mesmo que se valha dos mesmos traços semânticos que ele: $S, R \Leftrightarrow E-(\sim A)$. Por fim, a ocorrência de “aí”, que também não era esperada nessa parte da entrevista, aconteceu três vezes: todos efetuados pela mesma informante, Julia. A sentença 10 ilustra um desses usos.

(10) “Aí perto da porta porque eles precisam de sol.” (Julia)

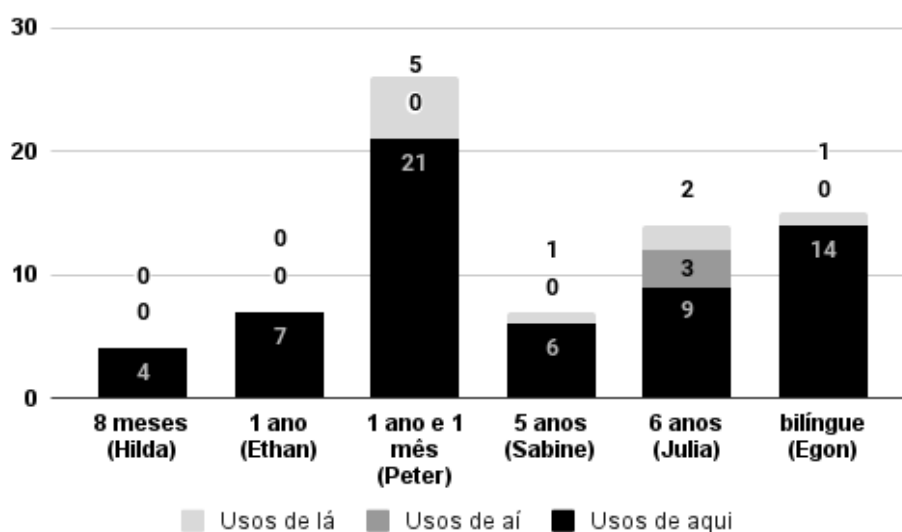
O emprego do advérbio “aí”, nesse contexto, é interessante, já que ele não é configurado pelos mesmos traços semânticos pelos quais geralmente se usa esse advérbio, os quais são definidos na quadro 1, mas podem ser aceitos dependendo da referência de proximidade a uma entidade situada

próxima ao interlocutor tomado como entidade de referência, de acordo com os traços $S \Leftrightarrow A, R-E$. Assim, mesmo não anuindo inteiramente às expectativas do embasamento teórico apresentado, acreditamos que estratégias recorrentes da IL podem suprir eventuais dificuldades de uso dos advérbios no momento da comunicação.

4.4 Relação entre a experiência com português e a variação do emprego dos advérbios na parte II da entrevista

Na parte II da entrevista, tão conveniente quanto analisar as ocorrências e desvios do emprego dos advérbios de lugar é investigar se os informantes codificam as relações espaciais estáticas com diferenciação entre as distâncias entre eles (S), tomados como entidades de referência (R), e as entidades situadas (E). Isto é, investigar se os aprendizes alemães de português são capazes de variar a escolha entre “aqui”, “ali” e “lá” a depender de pequenas diferenças entre distâncias entre eles mesmos e outros objetos no ambiente que ocupam. Tal relação foi estabelecida levando em consideração o tempo de aprendizado de português dos entrevistados, como pode ser observado no gráfico 4:

Gráfico 4 — Relação entre a experiência com português e a variação do emprego dos advérbios na parte II da entrevista



Fonte: elaborado pelos autores

Como o gráfico demonstra, Hilda e Ethan lançaram mão, na parte II da entrevista, apenas de “aqui”, o que parece sugerir a hipótese de que menos tempo de aprendizado diminui a tendência de demarcação linguística da diferenciação entre “aqui”, “aí” e “lá”. Os outros informantes, porém, também não diferenciam com o uso dos advérbios as referências locais de distâncias entre eles e os objetos à sua volta de forma progressiva. Peter, o informante que mais utilizou advérbios, empregou “lá” cinco vezes e “aqui”, vinte e uma. Sabine usa “lá” apenas uma vez, contra seis usos de “aqui”. Julia varia entre “aqui”, usado nove vezes, “aí”, usado três vezes, e “lá”, utilizado duas. Egon, por fim, que cresceu bilíngue, também demonstra dificuldade quando da diferenciação de sua distância em relação a diferentes entidades situadas em seus enunciados. Essa característica de Egon parece proceder da sua língua de maior predominância, o alemão, gerando desvios por conta de interferências na IL.

O uso parco de “lá”, em comparação com “aqui”, corrobora a hipótese de que esse advérbio passa por um complexo processo em uma IL entre o alemão como língua-fonte e o português como língua-alvo. Os dados indicam que os informantes se consideram, com grande frequência, próximo às entidades situadas, ao contrário de procurar demarcar linguisticamente diferentes distâncias, as quais seriam codificadas pela variação dos advérbios. O caso de Julia é particularmente interessante, como demonstram as sentenças 11, 12 e 13:

(11) “[...] colocar quadros aqui na parede.” (Julia)

(12) “[...] tem essa coisa aí pra guardar comida.” (Julia)

(13) “[...] eu gosto de coisas velhas, mas também, né, quando sento lá
(14) eu tenho que ter muito cuidado porque eu quase sempre derrubo todos os pratos.” (Julia)

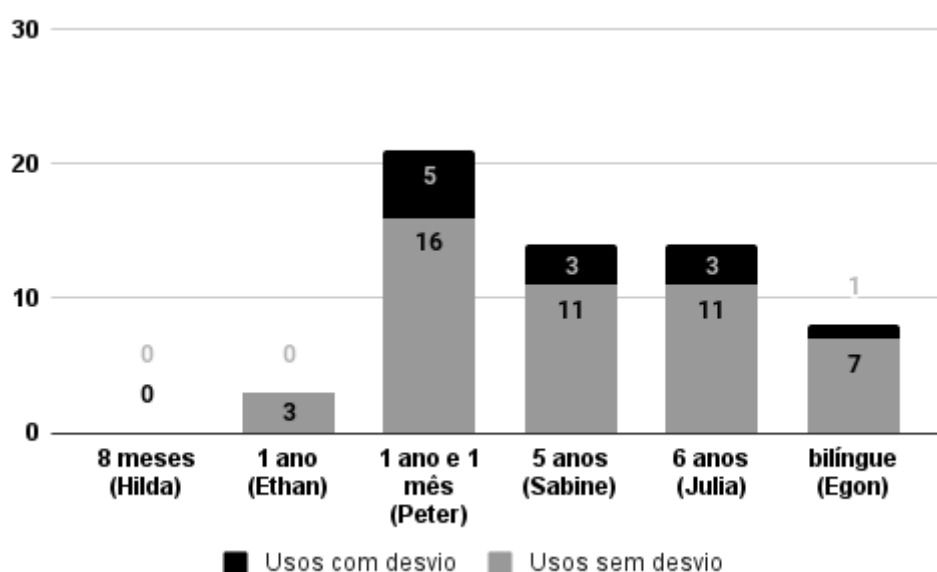
Em 11, ela, como se espera, demarca os traços linguísticos S,R-E com “aqui”, isto é, ela se toma como entidade de referência e se considera próxima da entidade situada “parede”, que estava atrás dela. Em 12, ela codifica com “aí” a relação S,R↔E-(~A) entre ela e a “coisa para guardar comida”. Ou seja, em uma relação semântica típica de “ali” ou “lá”, ela seleciona “aí”, em vez de “ali”, para indicar a consideração de que a distância até a entidade situada “coisa para guardar comida” não é tão grande. Esse

uso não era esperado, mas soa admissível. Já em 13, Julia codifica com “lá” a relação $S, R \Leftrightarrow E-(\sim A)$ entre ela e o outro lado do banco onde ela estava sentada, o que é interessante, pois essa distância provavelmente era menor do que a codificada por “aí”, em 12, mas parece mais significativa por se tratar de um lado oposto da mesa em relação ao lugar onde ela estava sentada, o que, hipoteticamente, pode ter acentuado a necessidade de diferenciação entre seu assento e o outro lugar para sentar, promovendo o ápice da distinção na codificação linguística do português em relação à posição do observador tomado como entidade de referência: “lá”.

4.5 Usos com e sem desvio do advérbio “lá” em relação à experiência com português

Dada a frequência de utilização deste advérbio com desvio, em uma quantidade que supera qualquer outro tipo de desvio evidenciado nesta pesquisa, o gráfico a seguir ilustra a comparação entre o número absoluto, nas duas partes da entrevista, dos usos com e sem desvio do advérbio “lá” em comparação com o tempo de aprendizagem de português dos informantes:

Gráfico 5 — Usos com e sem desvio do advérbio “lá” em relação à experiência com português



Fonte: elaborado pelos autores

A análise do gráfico 5 permite concluir que não houve regularidade, entre os informantes desta pesquisa, em relação ao esperado uso progressivamente mais correto do advérbio “lá”, que, suspeitava-se, é muitas vezes usado por aprendizes alemães de português em vez de “aí”. Isso porque, por exemplo, mesmo que Sabine já aprendesse português havia 5 anos no momento da entrevista e que seu português tenha chamado muita atenção dados os raros sinais de uma IL, ela utilizou “lá” em vez de “aí” em três das quatorze vezes em que lançou mão dele. Do mesmo modo, embora Egon, o falante considerado bilíngue, seja o que menos demonstre desvios, ele também parece se arriscar pouco por usar “lá” apenas oito vezes. Além disso, seus usos demonstram que, mesmo uma exposição vitalícia ao português, não garante que “aí” não será, em algum momento, trocado por “lá”. Além disso, a taxa de uso de “lá” em vez de “aí” não varia significativamente na IL usada por Peter, que aprendia o português havia apenas 1 ano e 1 mês, e na IL usada por Julia, que o aprendia havia 6 anos. Essa progressão irregular, mesmo que esbarre na reconhecida ausência de uma seleção criteriosamente representativa dos falantes, a qual deve ser efetivada em pesquisas futuras, sugere maior relevância do que se esperava do problema “aí”/“lá” no aprendizado de português por nativos do idioma alemão.

4.6 Síntese das contribuições teóricas e empíricas

A análise dos usos dos advérbios de lugar por falantes de alemão em processo de aquisição do português como L2 permitiu observar que os desvios não se restringem a falhas formais. Pelo contrário, revelam escolhas comunicativas contextualizadas, influenciadas por fatores sociais, pragmáticos e interacionais. A ausência quase total do advérbio “aí”, apesar de sua importância na dêixis do português brasileiro, corrobora as previsões semânticas de Blühdorn (2003), segundo as quais sua equivalência em alemão é instável. No entanto, as substituições por “lá” ou “aqui” evidenciam uma lógica adaptativa: os aprendizes recorrem a recursos mais neutros ou conhecidos para manter a fluidez comunicativa.

Tais resultados reforçam a ideia de interlíngua como sistema em desenvolvimento, conforme proposto por Selinker (1972), e mostram que o

uso linguístico real envolve também a competência comunicativa (Hymes, 1972) e estratégias pragmáticas (Levinson, 1983), principalmente quando a proficiência ainda é limitada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa almejou investigar a quantidade e a qualidade do uso dos advérbios de lugar “aqui”, “cá”, “aí”, “ali” e “lá” em produções orais de estudantes de português como língua estrangeira cuja língua materna é o alemão. Isso abrangeu estes objetivos: (i) compreender a frequência e o contexto de ocorrência de uso dos advérbios de lugar em português; e (ii) por meio de uma análise linguístico contrastiva (Blühdorn, 2001; 2003), justificar a ocorrência e a ausência de usos dos advérbios, levando em consideração o contexto comunicativo. A hipótese era de que os advérbios em foco poderiam ser utilizados com desvio em relação à semântica gramatical portuguesa por conta das diferenças semânticas entre os advérbios de lugar do alemão e do português. As produções orais foram coletadas por meio de entrevistas virtuais com falantes nativos de alemão que aprendem português. As perguntas foram feitas em alemão, mas respondidas em português. Elas se subdividiram em duas partes da entrevista. Na primeira, elas abordavam a localização geográfica do informante. Na segunda, o cômodo onde o entrevistado estava. Nos encontros, registraram-se: i) o número usos dos advérbios; ii) a qualidade desses usos; e iii) a oração de que eles faziam parte. Os dados foram tratados para análises de fim quantitativo e qualitativo, à luz da bibliografia fundamental.

Os resultados da amostra coletada por meio de entrevistas virtuais com seis aprendizes de português cuja língua-fonte é o alemão parecem indicar o uso predominante dos advérbios “aqui” e “lá” em detrimento de “aí”. A maioria dos desvios teve como base interferências da IL com relação às diferenças semânticas entre o português e o alemão relacionadas à tomada do interlocutor como ponto de referência. Tal desvio parece apontar para o emprego de “lá” como um equivalente de “*dort*” e antônimo de “aqui”, o que pode advir da inexistência de uma equivalência em alemão com os mesmos traços semânticos de “aí”.

Como apontado na análise empírica, o advérbio “ali” não teve ocorrência na amostra, o que sugere a existência de um estágio de IL de aprendizes alemães de português que ainda não considera a nuance de significado entre “ali” e “lá”, a saber, o sentido de que aquele denota distância menor, e este, maior, entre o observador e uma entidade situada. Por fim, o advérbio “lá”, ao denotar distância entre o observador e a entidade situada, foi, em termos quantitativos, utilizado com uma menor frequência, mas com menos desvios, exceto nas situações em que acabou substituindo inadequadamente o advérbio “aí”.

Para além dos aspectos morfossintáticos e semânticos, os dados analisados revelam também traços importantes de ordem sociolinguística e pragmática. Por exemplo, o contexto em que cada informante interagiu — como o grau de familiaridade com o entrevistador, o local em que residem, ou o ambiente em que aprenderam o português — pode ter influenciado suas escolhas linguísticas. A ausência de variação entre “aqui”, “ali” e “lá” pode ser interpretada não apenas como uma limitação de vocabulário ou desvio estrutural, mas também como uma estratégia comunicativa para evitar mal-entendidos em situações de insegurança linguística. Além disso, observou-se que alguns participantes utilizaram gestos de apontamento e expressões faciais como recursos semióticos de apoio à referência espacial, o que demonstra uma adaptação pragmática à limitação do repertório verbal. Tais elementos indicam que o uso dos advérbios de lugar não pode ser compreendido isoladamente, mas sim em articulação com práticas comunicativas mais amplas, influenciadas por fatores sociais, contextuais e culturais (Hymes, 1972; Levinson, 1983).

Os resultados encontrados na amostra da coleta de dados indicam que o aprendizado dos advérbios de lugar, para falantes alemães de português, configura um ponto sensível que precisaria ser trabalhado com maior atenção no ensino de PLA. Desse modo, como perspectiva futura destacamos a necessidade de pesquisas com amostras mais abrangentes, tanto em relação aos entrevistados e suas nacionalidades, como em termos de roteiro, visando à análise de maiores ocorrências do uso de advérbios. Não obstante, acreditamos que, mesmo com o limite da amostra, os dados levantados nesta pesquisa podem apresentar perspectivas importantes para a compreensão do uso dos advérbios de lugar no par linguístico

alemão-português e para os desafios da aprendizagem de PLA para falantes alemães, o que pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem do idioma em diferentes contextos. Por fim, esperamos que estes resultados possam contribuir com as pesquisas empíricas em PLA e, eventualmente, sejam refletidos em propostas didáticas para que os advérbios de lugar sejam abordados em sala de aula de maneira relevante e crítica.

Em relação ao referencial teórico adotado, os dados empíricos confirmam em grande medida as hipóteses formuladas por Blühdorn (2003), especialmente quanto à inexistência de correspondentes exatos entre os advérbios dêiticos em português e alemão. No entanto, ao considerar os fatores comunicativos e contextuais identificados nesta pesquisa, observam-se nuances que tensionam as perspectivas tradicionalmente estruturais da linguística contrastiva. Em particular, o comportamento dos informantes sugere que a interlíngua não apenas reflete uma transição entre dois sistemas linguísticos, como também é modulada por estratégias pragmáticas de compensação e adaptação ao interlocutor. Tais achados convergem com a proposta de Selinker (1972), mas ampliam sua aplicação ao revelar que a competência comunicativa dos aprendizes, ainda em desenvolvimento, envolve mais do que o domínio da forma correta: ela exige também a construção de sentido situada em práticas reais de interação.

Agradecimentos:

Esta pesquisa contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de setembro de 2022 a janeiro de 2023.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Marcell Cherchiglia. Português como língua adicional em turmas multilíngues: um relato de experiência didática. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 12, n. 2, p. 857–870, 2018.

AQUINO, M. Abordagens socioculturais para o ensino de vocabulário em turmas heterogêneas de PLA: Estratégias didáticas em contexto acadêmico. **Revista EntreLinguas**, Araraquara, v. 9, n. esp.1, p. e023018, 2023.

BLÜHDORN, H. **A codificação de informação espacial no alemão e no português do Brasil:** adposições e advérbios como meios para especificar relações estáticas. São Paulo: Humanitas Publicações, 2001.

BLÜHDORN, H. **Rauminformaton und Demonstrativität:** am Beispiel des Deutschen. Berlin: Schmidt, 2002.

BLÜHDORN, H. **Die Raumadverbien hier, da und dort und ihre Entsprechungen im brasilianischen Portugiesisch.** In: Die kleineren Wortarten im Sprachvergleich, Deutsch-Portugiesisch. Frankfurt am Main: Lang, 2003.

BLÜHDORN, H. **Forschungsstand und Perspektiven der kontrastiven Linguistik Portugiesisch-Deutsch.** São Paulo: Edusp/Monferrer Produções, 2005.

CORDER, S. Pit. The significance of learner's errors. **International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**, v. 5, n. 4, p. 161-170, 1967.

FILHO, J. **O ensino de Português como língua não materna:** concepções e contextos de ensino. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa – Estação da Luz, 2008.

HYMES, D. On communicative competence. In: BRUMFIT, C. J.; JOHNSON, K. (org.). **The communicative approach to language teaching.** Oxford: Oxford University Press, 1972. p. 5-26.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmatics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LONG, Michael H. Native speaker/non-native speaker conversation and the negotiation of comprehensible input. **Applied Linguistics**, Oxford, v. 4, n. 2, p. 126-141, 1983.

SELINKER, L. **Interlanguage.** International Review of Applied Linguistics in Language Teaching, 1972.

UNESCO. **Dia Mundial da Língua Portuguesa.** Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2023. Disponível em: <https://pt.unesco.org/commemorations/portuguese-language-day>.

AQUINO, Marcell; FIORINI, Arthur. Emprego de advérbios de lugar em português por falantes nativos de alemão: análise da interlíngua. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 15, e95900, 2025. DOI: 10.36517/ep15.95900